

# OS GUARDIÕES SELVAGENS

O RESGATE NA MONTANHA

LIZ FLANAGAN

ILUSTRAÇÕES DE Joe Todd-Stanton



*Este livro é sobre amigos, novos e antigos, por isso,  
é para aquelas queridas amigas que conheço desde  
a escola — Sian, Helen, Jennie, Angela, Kirsty —  
com muito amor.*



## CAPÍTULO UM



ROWAN ESTAVA A SONHAR.

Estava perdida numa tempestade de neve, sozinha e assustada. Um cavalo galopou na direção dela por entre as árvores, enorme, rápido e aterrador. Ela não conseguia ver o rosto do cavaleiro, mas ouviu as suas palavras.

— O príncipe foi raptado. Foram os estrianos! Estavas errada em relação a eles. Estavas errada em relação a tudo!

A Rowan acordou ao início da manhã, ofegante e com o coração aos saltos. Correu para o andar de





baixo para beber água. A seguir, ficou junto à janela da cozinha da casa do avô, na Floresta Negra.

A neve parara. Lá fora, o mundo estava de um branco ofuscante: o céu, as árvores e os telhados dos estábulos. Mesmo quando a Rowan fechava os olhos, conseguia perceber quão profunda era a camada de neve. Tudo soava diferente. Os ruídos eram mais ténues, mais suaves, mais abafados.

A Rowan também se sentia diferente. Estava triste e preocupada, como se tudo de bom se encontrasse oculto sob um manto de neve.

Algo peludo encostou o nariz à mão dela, lambendo-a em seguida.

— Obrigada, Arto — disse ela, afagando a cabeça abobadada do lobo branco. A Rowan sentiu-se reconfortada pelo peso quente dele encostado a ela. — Tens razão — sussurrou. — Eu também não me quero ir embora. Ainda agora cheguei a casa.

Ela tinha regressado a Gallren na noite anterior, depois de uma longa e perigosa viagem. Nessa noite, tudo fora perfeito: o banquete de solstício de inverno com os seus pais e avô. E depois o mensageiro da Rainha Silvana chegara, trazendo notícias terríveis.





O Príncipe David fora raptado. Agora, o pai da Rowan tinha de regressar à cidade de Holderby.

— Bom dia, querida. — A mãe da Rowan entrou com passos lentos na cozinha, a bocejar, e colocou o braço à volta da filha, fitando a floresta invernal lá fora. — De certeza que queres ir com o teu pai? — perguntou gentilmente.

— Tenho de ir — disse a Rowan. — Não é o que eu quero, mas é o que tenho de fazer. — Ela conhecia o Príncipe David: eles tinham brincado juntos nos



jardins do palácio. Parecia ter sido há tanto tempo! Ela sabia que tinha de ajudar a trazê-lo de volta para casa.

— Então, vamos todos — disse a mãe.

A Rowan rodopiou, aliviada.

— A sério?

Ela receava despedir-se mais uma vez da mãe e do avô. Mas depois o seu alívio foi afugentado por novas preocupações. Seria perigoso? E se alguém se magoasse?

— Mas despacha-te — disse a mãe. — Há muito que fazer, se queremos chegar lá hoje.

Nos momentos que se seguiram, não houve espaço para preocupações. Eles apressaram-se, tomaram um pequeno-almoço rápido e depois vestiram o que tinham de mais quente — camadas de roupas de lã, meias grossas e botas — e todos tentaram encontrar depressa os seus casacos ou capas de inverno, gorros e luvas.

— Pelo menos tu estarás quentinho com o teu pelo cerrado — disse a Rowan de forma ofegante para o Arto, sentindo-se excessivamente vestida com todas aquelas camadas, antes de saírem de casa. — Mas como vou conseguir ver-te numa paisagem de neve? Mantém-te por perto, está bem?



O Arto latiu e lambeu a bochecha dela.

Primeiro, eles foram à quinta dos vizinhos, onde moravam a Cam e o Will, amigos da Rowan. O Will abriu a porta, com a sua grande gata malhada, Zibelina, a enrolar a cauda à volta dos seus joelhos.

Parecia cansado e a Rowan perguntou-se se ele teria ficado acordado a noite toda a contar à família as aventuras que eles tinham vivido em Estria. Ela esperava que ele lhes tivesse contado como fora corajoso. Sim, o Will traíra a Rowan uma vez, mas também a tinha salvado. Agora, ela considerava-o um amigo verdadeiro.

A Cam empurrou o irmão para o lado e abraçou a Rowan, com o seu cabelo escuro comprido a ondular sobre as costas.

— Bom dia! — disse ela. — Chegaste cedo. Íamos ter contigo depois do pequeno-almoço e mostrar a floresta ao Leo. — A Cam conduziu a Rowan para o calor.

A Rowan viu a mesa com um monte de pãezinhos e um prato de ovos, e os pais do Will e da Cam a beber café e a acenarem-lhe.

— Depois disso, podemos ir a Appledore — dizia a Cam — e podemos beber sumo de maçã com





especiarias e comer uns biscoitos e depois podemos...

— Não, Cam. Para. — A Rowan detestava trazer más notícias, sabendo que estava prestes a retirar-lhes os sorrisos dos rostos. Olhou para trás da Cam e viu o Leo, o seu amigo de Estria.

Com os seus olhos castanho-claros e o cabelo castanho encaracolado, o Leo era igualzinho à sua mãe, a Elena Ravenwood. A Elena era a mais recente líder de Estria. Ela tomara finalmente as rédeas do seu país, com a ajuda do Leo, do Will, da Rowan, da *selkie* Isla e da Folha, o dragão verde.

— O que se passa? — perguntou o Leo.

A Rowan inspirou fundo. Não podia protegê-lo das notícias. O que ela estava prestes a dizer-lhe poderia mudar as vidas de ambos para sempre.





## CAPÍTULO DOIS



ROWAN OLHOU COM FIRMEZA PARA O SEU amigo estriano, o Leo.

— Na noite passada, chegou um mensageiro — começou.

Ela quisera vir contar-lhe imediatamente, mas os seus pais tinham-na convencido a esperar até de manhã enquanto interrogavam o mensageiro para obterem a história completa.

— O príncipe de Gallren, o Príncipe David, foi raptado — explicou ela. — A rainha pensa que os líderes estrianos são responsáveis por isso. — A Rowan ouviu os outros arquejarem ao escutarem as suas palavras.





— Não foi a minha mãe. Ela nunca faria isso! —  
O Leo soava chocado e magoado.

— Eu sei — disse a Rowan rapidamente. — É por  
isso que eu e a minha família vamos agora mesmo  
para Holderby, para contar a verdade à rainha. — Ela  
apontou para a porta aberta, junto da qual a sua famí-  
lia continuava à espera. — Eu conheço a tua mãe.  
Eu sei que a Elena nunca faria isso.

— Deixa-me ir convosco! — disse o Leo de rom-  
pante.

— Não, Leo. Seria perigoso para qualquer estria-  
no, mas especialmente para ti. Não entendes? —  
explicou a Rowan. — Se fores diretamente para casa,  
ainda podes ficar a salvo.

As crianças tinham viajado até à Floresta Negra com um homem chamado Johannes. A mãe do Leo tinha-lhes dito que ele trabalhava nos estábulos. Porém, a Rowan tinha visto as suas armas escondidas e achava que o Johannes era, na verdade, um soldado. Foi ele quem tomou a palavra:

— Vamos, Leo, temos de nos despachar. Preciso de te levar para casa da tua mãe, para lhe contares o que aconteceu. — O Johannes levantou-se depressa.

— Não. — O Leo projetou o lábio inferior para a frente, num ato de teimosia. O seu rosto revelava um misto de medo e determinação. — Conta-lhe tu. Eu vou com a Rowan. Não entendes? — disse ele, repetindo as palavras da Rowan de volta para ela.

Ao perceber que a Rowan já tinha contado as notícias, a sua família entrou em casa e juntou-se a todos os outros.

— Se eu também for e falar com a rainha deles, a Silvana, provarei que não foi a minha mãe quem fez isso. Não faz sentido eu ir para a vossa cidade se formos inimigos. — O Leo falava com urgência, gesticulando com as mãos. — É por isso que o farei. Para provar que somos amigos. A mãe ia querer que eu



fizesse a coisa certa. — Ele esperou durante um instante. — Eu conheço-a melhor do que tu!

Fez-se silêncio na cozinha apinhada.

— O argumento do rapaz é bom — disse o avô, por fim.

O avô era alto, tinha cabelo branco e denso, uma barba que parecia um manto de neve e olhos castanhos brilhantes. As pessoas escutavam quando ele, o Guardiã Selvagem Webster, falava.

A Rowan apresentou rapidamente todos os que ainda não se conheciam.

— Não há dúvida de que o Leo é corajoso — continuou o avô. — E serão precisos todos os nossos esforços para que os dois lados escutem. Não queremos que eles se precipitem novamente para a guerra. Se o Leo quiser vir connosco, prometo que tomaremos conta dele — garantiu ao Johannes. — E, em troca, pode pedir à Elena para ter paciência e esperar por mais notícias?

— Tens a certeza, Leo? — perguntou o Johannes.

O Leo cruzara os braços sobre o peito, parecendo mais determinado do que nunca.

— Tenho a certeza.

O estriano expeliu um longo suspiro e disse:

— Está bem, Leo, se insistes. No entanto, sentate e escreve um bilhete para a tua mãe, para ela saber que esta escolha foi tua e não minha. Nem deles.

O Johannes foi buscar as suas coisas e saiu pouco depois com o bilhete do Leo.

Após outra ronda de conversas e planeamento, ficou decidido. A Rowan e o Leo seguiriam nos cavalos que os tinham trazido de Estria. Os pais da Rowan pediram dois cavalos emprestados aos pais do Will e da Cam. O avô seguiria no Estrela, o seu cavalo negro.

Pouco depois, os cavalos estavam todos selados e prontos, movendo-se inquietamente enquanto esperavam no pátio da quinta.

— Boa sorte! — A Cam abraçou a Rowan.

— Gostava de ir — disse o Will baixinho —, mas estive fora durante tanto tempo... — O seu olhar deslizou para a sua família.

A Rowan via o modo como os pais dele o observavam. O Will acabara de regressar para eles.

— Não, Will. O teu lugar é aqui — disse a Rowan.

A seguir, os cinco cavaleiros partiram na manhã nevosa: a Rowan, os seus pais, o avô e o Leo. O Arto





descrevia círculos à frente deles, vigiando o caminho, quase invisível contra a neve.

Foi um longo dia de cavalgada e o ar estava gelado, embora a neve se tornasse mais mole e húmida à medida que se aproximavam de Holderby. A Rowan reparou que o Leo foi ficando cada vez mais calado durante a viagem. Ela e a mãe fizeram-lhe perguntas sobre Estria, à vez, até ficarem sem ideias.

Depois, cavalgaram em silêncio.

As muralhas da cidade pareciam altas, cinzentas e ameaçadoras quando eles se aproximaram. Esta era a casa da Rowan, a cidade de que ela sentira desesperadamente falta durante todo o ano anterior. Contudo, quando ela olhava para Holderby agora, a cidade não parecia nem acolhedora nem familiar, mas um local perigoso e arriscado.





## CAPÍTULO TRÊS



**A** ROWAN SENTIA-SE PRESA NUM PESADELO. Estava a aproximar-se da sua cidade natal, mas nada parecia certo. Sabendo que o Leo via tudo aquilo pela primeira vez, ela observou o que a rodeava com um novo olhar. A cidade de Holderby parecia cinzenta, fria e suja. A neve derretida e lamacenta não ajudava, havia grandes montes dela junto das portas da cidade.

Quando estavam quase a chegar, quatro guardas bloquearam-lhes o caminho.

— Não são permitidos estrangeiros! — grunhiu um homem, fulminando o Leo e a Rowan com o olhar,





já que ambos montavam selas estrianas de cabedal decoradas com bordados coloridos. E a Rowan ainda usava a capa verde e flutuante que a mãe do Leo lhe tinha dado quando partira de Estria.

Seria isso realmente suficiente para barrar a entrada na cidade a alguém? A Rowan fitou-os com choque e confusão.

— Desde quando? — perguntou ela.

— Estou aqui por ordem da Rainha Silvana — retorquiu o pai para os guardas. — Trabalho nos estábulos reais. Se ela souber que nos mandaram embora, ficará furiosa. Querem mesmo piorar um dia que já é mau para ela?

Os guardas murmuraram entre si enquanto o pai lhes dava o seu nome e, por fim, afastaram-se e deixaram o grupo passar pelas portas da cidade.

— Que cidade amistosa, a tua — sussurrou o Leo para a Rowan, enquanto incitavam os cavalos a avançar.

— Costumava ser! — sussurrou ela.

As ruas estavam mais sossegadas do que era hábito e as pessoas fitaram-nos enquanto seguiam em direção ao palácio.



A Rowan ficou contente quando chegaram aos estábulos do palácio, onde o seu pai trabalhava. Olhou para a casa deles, por cima dos estábulos, com as janelas todas escuras e fechadas. Sentiu um confuso misto de sentimentos. Pelo menos, os estábulos eram os mesmos de sempre, com grandes pilhas de palha fresca.

Concentrar-se na Bolota, a calma égua castanha, aliviou-a.

*Obrigada por me trazeres até aqui em segurança,* pensou a Rowan, dirigindo-se a ela. A Bolota soprou levemente como resposta, agradada, enquanto a Rowan lhe escovava a pelagem.

Uma ratinha com olhos brilhantes como contas observava-os a um canto, com o nariz a tremelicar.

*Olá.* A Rowan sorriu para ela.

A Rowan demorou o seu tempo a trazer água fresca e feno, alimentando a Bolota com alguns grãos de aveia na palma da mão e lançando alguns também à ratinha faminta. Enquanto estivesse ocupada, não tinha de ouvir os adultos a falarem em voz baixa, preocupados. Depois de a Bolota estar escovada, alimentada e instalada, ela teria de enfrentar o motivo pelo qual ali estavam.





— Rowan? Leo? Não façamos a rainha esperar mais — chamou o pai, por fim.

Ele guiou-os pelo pátio empedrado dos estábulos até ao palácio.

A Rowan vislumbrou rapidamente o jardim, enquanto a escuridão caía. Viu os seus muros altos e as macieiras carregadas de neve. Os relvados elegantes estavam cobertos de neve derretida, acastanhada, e pegadas lamacentas, como se cada centímetro tivesse sido revistado vezes sem conta.

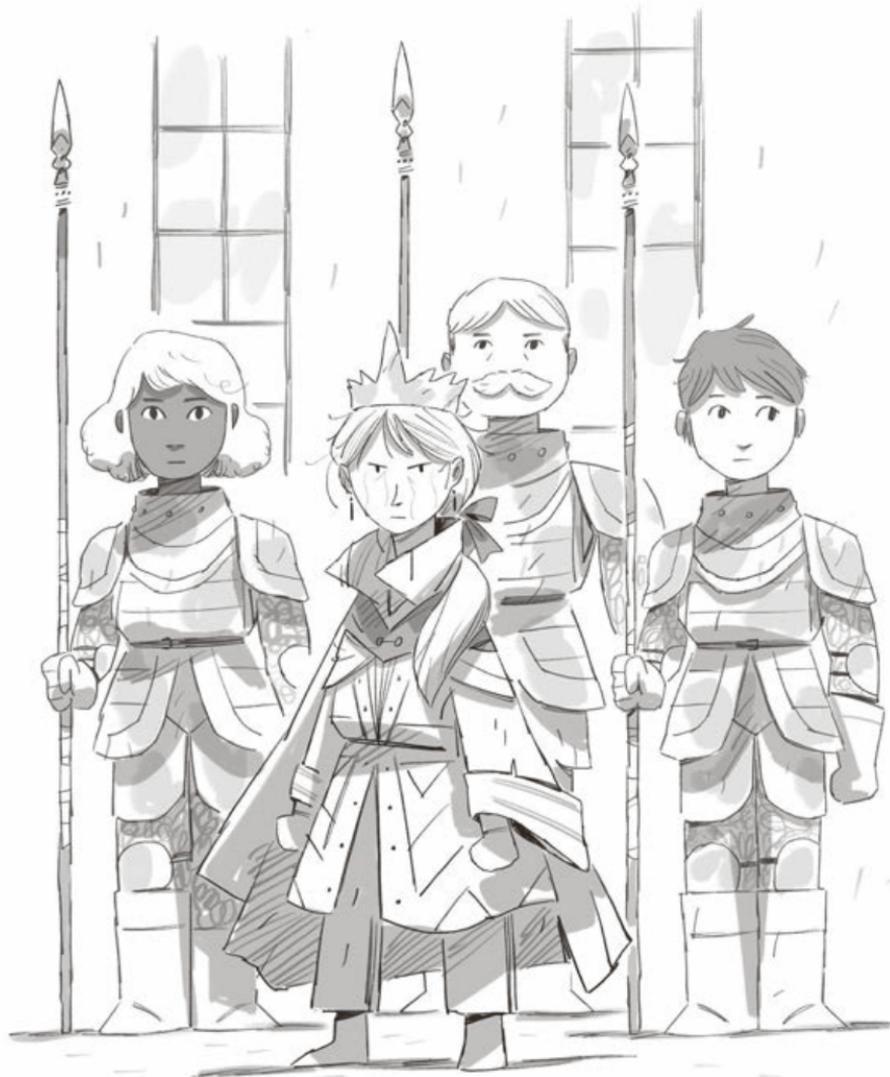
*Quem é que levou o príncipe, e porquê?*, perguntou-se ela pela centésima vez.

Entraram numa sala esplêndida, atafalhada de pessoas, aquecida por uma enorme lareira e muitas velas. Numa parede havia uma grande janela, ladeada por cortinados de veludo carmesim, com vista para o jardim.

E ali estava a rainha.

A Rainha Silvana andava de um lado para o outro, inquieta, abrindo e fechando os punhos enquanto caminhava. Era uma mulher pequena e usava uma capa e um cachecol escuros. Tinha olhos verdes cintilantes e cabelo castanho reluzente. Parecia exausta,







com olheiras fundas. A Rowan percebeu que ela estava furiosa. Depois, reparou na quantidade de guardas. Reconheceu o Milo, o irmão mais velho da sua amiga Bella. Não sabia se devia falar com ele, mas acenou-lhe timidamente.

O Milo desviou o olhar.

Ela tentou voltar a cruzar o olhar com o dele, mas o Milo estava, definitivamente, a evitá-la. O que se passaria com ele? A Rowan sentiu-se mais preocupada e assustada do que nunca.



UMA AVENTURA TÃO MÁGICA  
QUANTO ÉPICA E TERNA  
QUE VALORIZA A UNIÃO, A CONFIANÇA  
E A RECIPROCIDADE.



Quando o jovem príncipe de Gallren é raptado, a guardiã selvagem Rowan tem um novo desafio pela frente... mas o tempo urge: terá apenas três dias para o salvar ou a rainha, em desespero, enviará um exército para Estria, e entrarão de novo em guerra.

Por sorte, a guardiã selvagem tem muitos aliados, desde a família, aos amigos, a pégasos, dragões e bruxas.

Conseguirá a Rowan salvar o príncipe, manter a paz e salvar mais uma criatura mágica?

**Não percas a conclusão desta coleção inspiradora e cheia de valores.**

**JÁ LESTE AS OUTRAS AVENTURAS DA ROWAN?**



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

Literatura Juvenil

 [penguinlivros.pt](http://penguinlivros.pt)  
  [penguinkidspt](https://www.instagram.com/penguinkidspt)

ISBN: 978-989-583-497-6



9 789895 834976